

## FICHA TÉCNICA

Título original: *After Ever Happy*

Autora: *Anna Todd*

Copyright © Anna Todd, 2015

A autora é representada por Wattpad

Edição portuguesa publicada por acordo com Gallery Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Cristina Carvalho*

Revisão: *Alda Rodrigues/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2016

Depósito legal n.º 414 950/16

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

## Prólogo

# HARDIN

Muitas vezes na vida me senti indesejado, deslocado, no pior sentido da palavra. Tive uma mãe que se esforçou, que se esforçou árdua e genuinamente, mas não foi o suficiente. Trabalhava de mais; passava os dias a dormir por estar a noite inteira a pé. A Trish tentou, mas um rapaz, principalmente um rapaz perdido, precisa do pai.

Eu sabia que o Ken Scott era um homem problemático, um homem bruto e ambicioso que nunca ficava satisfeito nem impressionado com o que quer que eu fizesse. O pequeno Hardin, que era patético no modo como tentava impressionar o homem alto cujos gritos e tropeços enchiam o espaço exíguo da nossa casa de merda, teria ficado contente com a possibilidade de aquele homem frio não ser o pai dele. Suspiraria, pegaria no livro de cima da mesa, e teria perguntado à mãe quando é que o Christian, o homem simpático que o fazia rir recitando passagens de livros antigos, vinha lá a casa.

Mas o Hardin Scott, o homem adulto com dificuldade em lidar com o álcool e com a raiva, dois problemas transmitidos pela desculpa esfarapada de pai que lhe calhou em sorte, está para lá de possesso. Sinto-me traído, fodido de confuso e fodido de raiva. Não faz sentido; a história estafada e pindérica dos pais trocados a que todas as telenovelas de merda recorrem não pode ser a minha vida. Memórias submersas vêm à tona.

A minha mãe, ao telefone, na manhã depois de um dos meus ensaios ter sido escolhido para publicação no jornal local:

— Achei que ias gostar de saber, o Hardin é brilhante. Tal qual o pai — louvou em voz baixa para o bocal.

Olhei em volta, para a pequena sala de estar. O homem de cabelo escuro, caído de bêbedo sobre a cadeira, com a garrafa de líquido acastanhado aos pés, não era brilhante. *É a porra de um destroço*, pensei eu quando ele se remexeu na cadeira e a minha mãe desligou rapidamente

o telefone. Houve inúmeras ocasiões semelhantes a esta, tantas que seria impossível contar, e eu era demasiado estúpido, demasiado novo, para perceber porque é que o Ken Scott era tão distante comigo, porque é que nunca me abraçava como os pais dos meus amigos abraçavam os filhos deles. Nunca jogou comigo à bola, nem me ensinou o que quer que fosse, exceto como ser a porra de um bêbedo.

Foi tudo um desperdício? O Christian Vance é, de facto, o meu pai?

O bar anda à roda; eu estou siderado a olhar para ele, para o homem que alegadamente me gerou, e reconheço qualquer coisa de familiar nos olhos verdes dele, no contorno do queixo. Com as mãos a tremer, puxa para trás o cabelo que lhe cai sobre a testa, e eu fico petrificado, dando-me conta de que estou a fazer exatamente a mesma coisa.

## TESSA

— Isso é impossível.

Ponho-me de pé, mas volto rapidamente a sentar-me no banco de jardim quando a relva debaixo dos pés parece oscilar instavelmente. O parque começa neste momento a encher-se de pessoas. Famílias com crianças pequenas, com balões e presentes nos braços, apesar de o tempo estar frio.

— É a verdade, o Hardin é filho do Christian — diz a Kimberly, os olhos azuis brilhantes e focados.

— Mas o Ken... o Hardin é tão parecido com ele.

Recordo a primeira vez que o vi, numa iogurteria. Soube de imediato que era o pai do Hardin; o cabelo escuro e a estatura levaram-me a esta conclusão fácil.

— É? Não consigo ver a semelhança, exceto na cor de cabelo. O Hardin tem os olhos do Christian e a mesma estrutura facial.

*Tem?* Faço um esforço para visualizar os três rostos lado a lado. O Christian tem covinhas, como o Hardin, e os mesmos olhos... mas não faz sentido: o Ken Scott é o pai do Hardin. Tem de ser. O Christian parece tão novo quando comparado com o Ken. Sei que são da mesma idade, mas o alcoolismo do Ken deixou-lhe marcas na aparência. Não deixa de ser um homem bonito, mas dá para ver onde o álcool o envelheceu.

— Isto é... — Tento achar palavras. E ar.

A Kimberly olha para mim como que pedindo desculpa.

— Eu sei. Queria tanto ter-te dito antes. Odiei não poder dizer-te nada, mas não podia. — Pousa a mão na minha e aperta-a suavemente. — O Christian garantiu-me que, assim que tivesse autorização da Trish, diria a verdade ao Hardin.

— É só que...

Respiro fundo.

— É isso que o Christian está a fazer? Está a contar ao Hardin, *agora*? — Levanto-me outra vez, a mão da Kimberly escorrega da minha. — Tenho de ir ter com ele. Ele vai...

Nem sequer consigo conceber como o Hardin reagirá a esta notícia, sobretudo depois de ter encontrado a Trish e o Christian juntos a noite passada. Vai ser demasiado.

— Sim. — A Kim suspira. — A Trish não concordou inteiramente, mas concordou quanto baste, segundo o Christian, que acrescentou que as coisas estavam a atingir proporções incontrolláveis.

Enquanto tiro o telemóvel da mala, só consigo pensar que é inacreditável que a Trish tenha escondido uma coisa destas do Hardin. Tinha melhor opinião dela, e muito melhor opinião dela enquanto mãe. Agora, é como se não fizesse ideia de quem ela é.

Já tenho o telefone encostado à face e o toque de chamada para o Hardin a soar ao ouvido, quando a Kimberly diz:

— Disse ao Christian que não devia separar-vos quando resolvesse falar com o Hardin, mas a Trish recomendou que, se o Christian optasse por ir por diante com a conversa, tinham de a ter sozinhos... — Os lábios da Kim comprimem-se numa linha severa; olha em volta, para o parque, e depois para cima, para o céu.

A minha chamada obtém como resposta o tom monótono do sistema automático do *voicemail* do Hardin. Volto a telefonar, enquanto a Kimberly se mantém sentada em silêncio, e vou parar ao *voicemail* pela segunda vez. Enfio o telemóvel no bolso de trás e começo a contorcer as mãos.

— Podes levar-me até eles, Kimberly? Por favor?

— Sim. Claro.

Levanta-se e chama o Smith.

Observando o rapazinho caminhar até nós, num passo que só posso descrever como semelhante ao de um mordomo num desenho animado, ocorre-me que o Smith é filho do Christian... e irmão do Hardin. O Hardin tem um irmão mais novo.

E depois penso no Landon... Que consequências terá esta notícia na relação entre o Landon e o Hardin? Será que o Hardin vai querer alguma coisa com ele, agora que sabe que não há qualquer laço familiar genuíno entre eles? E a Karen, como ficará a doce Karen, com os seus bolos e bolinhos? E o Ken, em que pé fica o homem que move mundos e fundos para compensar a infância terrível de um rapaz que não é filho dele?

O *Ken* sabe? Tenho a cabeça a andar à roda e preciso de ver o Hardin. Preciso de me assegurar de que ele sabe que estou aqui para o que ele quiser e precisar, e que temos condições para enfrentarmos isto juntos. Não imagino o que ele possa sentir neste momento; deve estar esmagado.

— O Smith sabe? — pergunto.

Depois de umas quantas pulsações em silêncio, a Kimberly diz:

— Pensámos que sim, dada a maneira como ele interage com o Hardin, mas não há a mínima hipótese de ele saber.

Sinto pena da Kimberly. Já teve de lidar com a infidelidade do noivo e agora ainda acontece isto. Quando o Smith se aproxima de nós, para e dirige-nos um olhar misterioso, como se soubesse exatamente do que tínhamos estado a falar. Não é possível, claro, mas a maneira como se encaminha para o carro, a alguma distância de nós, sem dizer palavra, faz-me pensar.

Enquanto atravessamos Hampstead para ir ter com o Hardin e com o pai dele, o pânico no meu peito sobe e desce, sobe e desce.

## HARDIN

Os estalidos da madeira a estraçalhar-se ressoam pelo bar.

— Hardin, para! — A voz do Christian ecoa pelo espaço, vinda de algures.

Outro estalido, seguido pelo som de vidro a partir-se. O som agrada-me, intensifica a minha sede de violência. Preciso de partir coisas, de dar cabo de alguma coisa, mesmo que seja um objeto.

E é isso que faço.

Irrompem gritos, fazendo-me sair do transe. Olho para baixo, para as minhas mãos, e vejo o coto rachado da perna de uma cadeira cara. Olho para cima, para os rostos lívidos de desconhecidos assustados, em busca de um só rosto: o da Tessa. Mas ela não está aqui e, neste momento de fúria, não sei se isso é bom ou mau. Ficaria com medo; ficaria preocupada comigo, avançando em pânico alvoroçado e chamando pelo meu nome para abafar os gritos e as exclamações assustadas que me tinem nos ouvidos. Largo rapidamente o bocado de madeira, como se me estivesse a queimar a pele. E sinto um par de braços à volta dos meus ombros.

— Leva-o daqui antes que chamem a polícia! — diz o Mike, a voz dele mais alta do que alguma vez a ouvi.

— Larga-me, caralho! — Sacudo-me do aperto do Vance e lanço-lhe um olhar furioso por entre a fúria que me tolda a visão.

— Queres ir para a cadeia?! — grita ele, a escassos centímetros da minha cara.

Quero atirá-lo ao chão, apertar-lhe o pescoço...

Depois, porém, mais umas quantas mulheres gritam, garantindo assim que não volto a descer àquele buraco negro. Percorro o bar de luxo com o olhar e apercebo-me dos copos altos estilhaçados no chão, da cadeira partida, das expressões horrorizadas dos clientes que já só esperam sair ilesos desta espécie de carnificina. Muito em breve, o

estado de choque converter-se-á em irritação, por eu lhes ter interrompido o momento de importante procura de felicidade de que usufruíam.

O Christian está novamente a meu lado quando passo pela rececionista como um furacão e saio para a rua.

— Entra no carro e deixa-me explicar-te tudo — sopra ele.

Temendo que a polícia apareça a qualquer instante, obedeço, mas não estou certo nem de como me sinto nem do que dizer. Apesar da confissão, dou por mim incapaz de processar o que ouvi. Tudo isto é absurdamente impossível.

Sentamo-nos ao mesmo tempo, o Christian no lugar do condutor e eu no assento ao lado.

— Não podes ser meu pai, não é possível. Não faz o mínimo sentido, nada disto faz qualquer sentido. — Olhando para o meu dispendioso carro alugado, interrogo-me se a Tessa continua no maldito parque em que a deixei. — A Kimberly está de carro, certo?

O Vance olha para mim com incredulidade.

— Sim, claro que está.

O suave ronronar do motor aumenta de volume quando o Vance acelera pelo meio do trânsito.

— Lamento que tenhas ficado a saber desta maneira. Durante algum tempo, estava tudo a compor-se, mas depois começou a descarrilar. — Suspira.

Mantenho-me calado, sabendo que, se abrir a boca, vou perder as estribeiras. Finco os dedos nas pernas; a pequena pontada de dor mantém-me calmo.

— Vou explicar-te tudo, mas peço-te que mantenhas alguma abertura de espírito em relação ao que vais ouvir, *okay*? — Lança-me um olhar rápido, vejo-lhe comiseração nos olhos.

Não admito que tenham pena de mim.

— Não te atrevas a falar comigo como se eu fosse uma criança, foda-se — descontrolo-me.

O Vance olha para mim, e depois volta a concentrar-se na estrada.

— Sabes que eu cresci com o teu pai, com o Ken; fomos amigos desde que me conheço.

— Não, *não* sabia. — Lanço-lhe um olhar furioso. Depois volto os olhos para a paisagem que se vai sucedendo. — Não sei nada de nada, ao que parece.

— Bom, é verdade. Crescemos quase como irmãos.



— E, mesmo assim, foste para a cama com a mulher dele? — digo eu, interrompendo a história de adormecer.

— Ouve — quase rosna. Os nós dos dedos das mãos que agarram o volante estão brancos. — Quero explicar-te o que se passou; por favor, deixa-me falar.

Respira fundo para apaziguar a própria fúria.

— Para responder à tua pergunta, não foi nada disso que aconteceu. A tua mãe e o Ken começaram a namorar no liceu, quando a tua mãe se mudou para Hampstead. Era a rapariga mais linda que eu tinha visto na vida.

O meu estômago contrai-se quando me lembro da boca do Vance na da minha mãe.

— Mas o Ken encantou-a de imediato. Passavam os dias inteiros um com o outro, tal como o Max e a Denise. Acho que se pode dizer que nós cinco tínhamos formado um círculo só nosso.

Perdido em memórias ridículas, suspira, a voz dele torna-se distante.

— A Trish era espirituosa, inteligente, e estava perdidamente apaixonada pelo teu pai. Foda-se... Não consigo deixar de lhe chamar isto...

— Rosna. Os dedos tamborilam no volante, como se para o incitar a continuar. — O Ken era inteligente (genial, mesmo) e quando foi aceite na universidade, com bolsa de estudo integral e por admissão antecipada, ficou bastante ocupado. Demasiado ocupado para lhe dar atenção. Passava horas a fio na escola. Em pouco tempo, começámos a andar só os quatro, sem ele, e as coisas entre a tua mãe e eu... bem, os meus sentimentos por ela aumentaram tremendamente e os dela por mim começaram a despontar.

O Vance interrompe-se um momento para mudar de faixa e ligar o ventilador, para que entre mais ar. Quando retoma a conversa, a atmosfera continua pesada e sufocante, e a minha cabeça é a porra de um turbilhão.

— Sempre a amei (ela sabia disso), mas ela amava-o, e ele era o meu melhor amigo. — Engole em seco. — À medida que os dias e as noites se iam sucedendo, tornámo-nos... íntimos. Não sexualmente, nessa altura, mas estávamos ambos a ceder ao que sentíamos, e não nos travámos.

— Poupa-me à porra dos pormenores. — Cerro as mãos em punho sobre o colo, obrigando-me a calar-me para ele poder concluir a história.

— *Okay, okay*, certo. — Olha fixamente pelo para-brisas. — Bom, uma coisa levou à outra e, a dada altura, estávamos profundamente

envolvidos e a ter um caso. O Ken não fazia ideia. O Max e a Denise suspeitavam, mas nenhum deles disse nada. Supliquei à tua mãe que o deixasse, por ele a negligenciar; sei que é fodido ter dito isto, mas eu amava-a.

Une as sobrancelhas, franzindo o sobrolho.

— A Trish era a minha única escapatória dos meus próprios comportamentos autodestrutivos. Não tinha deixado de gostar do Ken, mas não conseguia ver um palmo além do meu amor por ela. Nunca consegui. — Deixa escapar uma expiração forte.

— E... — pressiono, depois de uns segundos de silêncio.

— Sim... Bom, e assim, quando a tua mãe me disse que estava grávida, pensei que íamos fugir os dois juntos e que ela casaria comigo em vez de com o Ken. Prometi-lhe que, se ela me escolhesse, me deixava de merdas e estaria lá para ela... para ti.

Sinto os olhos do Vance em mim, mas recuso-me a encará-los.

— A tua mãe entendeu que eu não era suficientemente estável para ela, e eu fiquei ali, a morder a língua, quando ela e o teu... e o Ken anunciaram que iam ter um bebé e que se casariam já nessa semana.

*O quê?! Olho para o Vance, mas ele está claramente absorto no passado e de olhos postos na estrada à nossa frente.*

— Eu queria o melhor para ela, não podia arrastá-la pela lama e arruinar-lhe a reputação contando ao Ken, ou a quem quer que fosse, a verdade sobre o que se tinha passado entre nós. Continuei a dizer a mim mesmo que, lá no fundo, era impossível que o Ken não soubesse que o filho a crescer na barriga da Trish não era dele. A tua mãe jurou-me que ele não lhe tocava há meses. — Os ombros do Vance estremeçam ligeiramente quando um calafrio evidente o atravessa. — E ali estava eu, de fato, na pequena cerimónia de casamento, como padrinho do noivo. Tinha noção de que o Ken lhe podia proporcionar o que eu não estava em condições de lhe dar. Nessa altura, nem sequer pensava em ir para a universidade. Passava o tempo a suspirar por uma mulher casada e a decorar páginas de romances antigos que jamais refletiriam a minha vida. Não tinha um plano, não tinha dinheiro, e a Trish precisava de ambas as coisas.

Suspira, tentando esconjuram a recordação.

Observando-o, fico surpreendido com o que me acontece à mente e me sinto compelido a dizer. Cerro a mão em punho, e depois descontraio-a, tentando resistir.

Contudo, volto a cerrar a mão em punho, e não reconheço a minha voz ao perguntar:

— Portanto, basicamente, a minha mãe usou-te para se entreter e depois pôs-te de lado porque não tinhas dinheiro?

O Vance solta um suspiro fundo.

— Não. A tua mãe não me usou. — Dirige-me um olhar breve. — Sei que é isso que parece, e foi uma situação fodida, mas ela tinha de pensar em ti e no teu futuro. Eu era completamente imprestável; não valia a ponta de um corno. E não tinha nada a meu favor.

— E agora tens milhões — observo com azedume.

Como pode ele defender a minha mãe depois destas merdas todas? O que se passa com ele? Mas depois o meu espírito muda de agulha, penso na minha mãe, que perdeu dois homens que mais tarde ficaram ricos, enquanto ela se consome a trabalhar, regressando no fim do dia a uma casa acanhada e triste.

O Vance faz um aceno com a cabeça.

— Sim, mas nada indicava que isso viria a acontecer. O Ken tinha tudo a favor dele, e eu não. Ponto final parágrafo.

— Até começar a embebedar-se todas as noites.

A minha raiva recomeça a intensificar-se. A ferroada aguda da traição trespassa-me, e sinto que nunca me libertarei deste ressentimento. Passei a infância com o estupor de um bêbedo, enquanto o Vance vivia à grande.

— Esse foi outro aspeto em que fodi tudo — diz este homem que durante muito tempo pensei que conhecia, que *conbecia* mesmo. — Passei por muitas merdas depois de tu nasceres, mas acabei por me matricular na universidade, continuando a amar a tua mãe, à distância...

— Até?

— Até tu fazeres cinco anos, ou por aí. Era o dia do teu aniversário, e estávamos lá todos para a festa. Entraste a correr na cozinha, a chamar «papá»... — A voz do Vance falha, e eu cerro o punho com mais força. — Trazias um livro apertado contra o peito e, por um segundo, esqueci-me de que não era a mim que te referias.

Dou um murro no *tablier*.

— Deixa-me sair do carro — exijo. Não consigo ouvir mais. Isto é tão marado. É muito para abarcar de uma vez só.

O Vance ignora a minha explosão e continua a conduzir ao longo da rua residencial.

— Nesse dia, atingi o meu limite. Exigi que a tua mãe contasse a verdade ao Ken. Estava farto de te ver crescer à distância. Por essa altura, já tinha garantido a minha mudança para os Estados Unidos. Implorei-lhe que se mudasse para lá comigo e que te levasse com ela, que levasse o meu filho.

*O meu filho.*

Sinto um aperto no estômago. Devia saltar do carro, sem mais, independentemente de estar ou não em andamento. Olho para as casinhas bem cuidadas por que vamos passando, e penso que, entre sofrer assim e sofrer dor física, optaria de caras pela dor física.

— Mas a Trish não quis, disse-me que tinha feito umas análises e... e que, afinal, não eras meu filho.

— O quê?! — Levanto a cabeça e esfrego as têmporas com os dedos. Estava capaz de partir o *tablier* com o crânio, se acreditasse que ia ajudar.

Viro-me para o Vance e vejo-o a olhar rapidamente para a esquerda e para a direita. Depois dou-me conta da velocidade a que circulamos e apercebo-me de que está a passar todos os vermelhos e todos os sinais de stop, para garantir que eu não me atrevo a saltar para fora do carro.

— Entrou em pânico, acho. Não sei. — Olha para mim. — Eu sabia que ela estava a mentir. Muitos anos mais tarde, confessou que nunca houve análises nenhuma. Porém, naquela altura, foi perentória. Disse-me para não voltar a falar no assunto e pediu-me desculpa por me ter levado a acreditar que era teu pai.

Concentro-me no meu punho. Contrair, descontrair. Contrair, descontrair...

— Cerca de um ano mais tarde, voltámos a falar... — começa o Vance, mas há qualquer coisa no tom de voz dele que soa «fora».

— Voltaram a *foder*, queres tu dizer.

Outro suspiro fundo escapa-se da boca do Vance.

— Sim... Sempre que nos encontrávamos, cometíamos o mesmo erro. Foi numa altura em que o Ken andava a trabalhar muito, por causa do mestrado, e a Trish estava em casa contigo. Sempre foste muito parecido comigo; sempre que eu aparecia em vossa casa, tinhas a cabeça enfiada nas páginas de um livro. Não sei se te lembras, mas eu levava-te sempre livros. Ofereci-te o meu exemplar de *O Grande Gats...*

— Para. — Interrompo-o, contorcendo-me ao ouvir o tom de adoração na voz dele; a minha mente é invadida por recordações distorcidas.

— Durante anos, fomos mantendo esta ligação intermitente, sempre convencidos de que ninguém sabia de nada. A culpa foi minha, nunca consegui deixar de a amar. Fizesse o que fizesse, ela estava sempre lá. Mudei-me para junto deles, para uma casa em frente. O teu pai percebeu; não sei como, mas, a dada altura, tornou-se evidente que sabia. — Após uma pausa e uma curva que nos faz entrar noutra rua (mais uma), o Vance acrescenta: — Foi então que o Ken começou a beber.

Endireito-me no assento e bato com as palmas das mãos no *tablier* com toda a força. O Vance nem pestaneja.

— Portanto, deixaste-me com um pai alcoólico, que só se tornou alcoólico por causa da tua ligação com a minha mãe? — A cólera na minha voz enche o carro, mas eu mal consigo respirar.

— Tentei convencê-la, Hardin. Não quero que a culpabilizes, mas tentei convencê-la a trazer-te para vires viver comigo, mas a tua mãe não quis. — Passa as mãos pelos cabelos, puxando-o junto às raízes. — A cada semana que passava, o Ken bebia mais, mas a Trish persistia em não admitir (nem sequer para comigo) que eras meu filho, por isso fui embora. Tive de ir embora.

Para de falar e, quando olho para ele, vejo que pestaneja repetidamente. Estendo a mão para o puxador da porta, mas ele acelera e carrega no botão do trinco centralizado das portas várias vezes seguidas, dando a impressão de que o *clique-clique-clique* faz eco no interior do carro.

Quando volta a falar, fá-lo em voz cava.

— Mudei-me para os Estados Unidos e não tive notícias da tua mãe durante anos, até o Ken a deixar. A Trish não tinha dinheiro e matava-se a trabalhar. Eu já tinha começado a fazer fortuna; nada que se pareça com o que tenho agora, mas mais do que o suficiente. Regressei a Inglaterra e arranjei casa para nós, para nós os três, querendo olhar por ela na ausência do Ken, mas a Trish foi-se tornando cada vez mais distante. O Ken fez-lhe chegar os papéis de divórcio, enviados de onde quer que se tivesse enfiado, mas a Trish continuava a não querer nada de permanente comigo. — O Vance franze o sobrolho. — Mesmo depois de tudo o que fiz, continuava a ser insuficiente para ela.

Lembro-me de o Vance nos acolher depois de o meu pai nos ter abandonado, mas nunca atribuí grande importância a isto. Não fazia a mínima ideia de que ele tivesse um passado romântico com a minha mãe nem de que podia ser filho dele.

A opinião, até à data bastante negativa, que tinha da minha mãe, está agora completamente em fanicos. Perdi todo o respeito que tinha por ela.

— Assim, quando a tua mãe voltou para a casa dela, continuei a assegurar o lado financeiro da vossa vida, mas regresssei aos Estados Unidos. A tua mãe começou a devolver os meus cheques mês após mês e parou de responder aos meus telefonemas, o que me levou a concluir que tinha arranjado alguém.

— Não. Limitou-se a passar todas as horas do dia a trabalhar.

Os meus anos de adolescência foram solitários e passados em casa; foi por isso que comecei a dar-me com más companhias.

— Creio que a Trish estava à espera de que o Ken voltasse — diz o Vance rapidamente, e depois faz uma pausa. — O que nunca veio a acontecer. Continuou um bêbedo, ano após ano, até que alguma coisa o levou, finalmente, a decidir que já chegava. Estive anos sem falar com ele, até ele me contactar quando se mudou para os Estados Unidos. Estava sóbrio, e eu tinha acabado de perder a Rose.

— A Rose foi a primeira mulher para quem eu consegui olhar sem ver a cara da Trish. Era a mulher mais doce do mundo, e fazia-me feliz. Eu tinha perfeita consciência de que nunca voltaria a amar alguém com a mesma intensidade com que amei a tua mãe, mas contentava-me em estar com a Rose. Éramos felizes, e eu queria construir uma vida a dois ao lado dela, mas estava amaldiçoado... e ela adoeceu. Teve o Smith, e fiquei sem ela...

Inspiro, sobressaltado.

— O Smith. — Tenho estado tão ocupado a juntar as peças deste *puzzle* marado que nem me lembrei do rapazinho. O que significa isto? *Foda-se.*

— Vi aquele pequeno génio como a minha segunda oportunidade de ser pai. O Smith permitiu-me voltar a sentir-me inteiro, depois da morte da mãe dele. Ele fazia-me sempre lembrar-me de ti, quando eras pequeno; é praticamente igual a ti na idade dele, só que com olhos e cabelos mais claros.

Recordo-me de a Tessa ter dito o mesmo quando conhecemos o miúdo, embora eu não veja qualquer semelhança.

— Isto é... isto é completamente marado — é tudo o que me ocorre dizer.

O telemóvel vibra dentro do meu bolso, mas limito-me a olhar para a perna, como se a vibração fosse uma sensação num membro amputado; não consigo mexer um músculo que seja para atender a chamada.

— Sei que é, mas lamento muito. Quando te mudaste para os Estados Unidos, vi nisso uma oportunidade para estar contigo sem ter de assumir o papel de pai. Mantive-me em contacto com a tua mãe, contratei-te para a Vance, e aproximei-me de ti o máximo que me permitiste. Voltei a dar-me com o Ken, muito embora continue a haver uma certa hostilidade entre nós. Acho que o Ken se apiedou de mim quando a minha mulher morreu e, por essa altura, a verdade é que ele já tinha mudado muito. A única coisa que eu queria era que tu e eu fôssemos próximos; aceitei tudo o que consegui. Sei que agora me odeias, mas gostaria de pensar que, durante uns tempos, pelo menos, fui bem-sucedido.

— Mentiste-me a minha vida inteira.

— Eu sei.

— E a minha mãe e o meu... e o Ken também.

— A tua mãe continua em negação — diz o Vance. Outra vez a desculpá-la. — Mesmo agora, só a custo o admite. Quanto ao Ken, ele sempre teve suspeitas, mas a tua mãe nunca as confirmou. Creio que ele ainda se agarra à ínfima possibilidade de seres filho dele.

Reviro os olhos ante o absurdo do que o Vance acaba de dizer.

— Estás a dizer que o Ken Scott é estúpido a ponto de acreditar que sou filho dele, sabendo que tu e a minha mãe andaram a foder às escondidas durante anos?

— Não. — Parando o carro na berma da estrada, trava e olha-me nos olhos, séria e intensamente. — O Ken *não* é estúpido. Tem esperança. Sempre te amou, continua a amar-te, e és a única razão pela qual parou de beber e voltou à universidade para concluir o mestrado. Mesmo existindo uma forte possibilidade de não seres filho dele, fez tudo isso por ti. Lamenta profundamente o inferno por que te fez passar e todas as merdas que aconteceram à tua mãe.

Retraio-me ao ver passar diante dos olhos as imagens que atormentam os meus sonhos, ao reviver o que aqueles soldados bêbedos lhe fizeram há muitos anos.

— Não chegaram a fazer análises? Como podes ter a certeza de que és mesmo meu pai? — Quase me recuso a acreditar que esta questão esteja a ser colocada.

— Sei que sou. E tu também sabes. Toda a gente diz, desde sempre, que és muito parecido com o Ken, mas eu sei que é o meu sangue que te corre nas veias. E basta olhar para um calendário para constatar

que ele não pode ser teu pai. Não há a mínima possibilidade de a Trish ter engravidado dele.

Concentro-me nas árvores lá fora, e o meu telemóvel começa novamente a vibrar.

— Porquê agora? Porque estás a contar-me isto agora? — pergunto, com a minha voz subindo de volume, a minha paciência quase inexistente a evaporar-se.

— Porque a tua mãe começou a entrar em paranoia. Há uns quinze dias, o Ken mencionou qualquer coisa sobre pedir-te que fizesses umas análises de sangue para ajudar a Karen, e eu comentei isso com a tua mãe...

— Análises para quê? — interrompo-o. — O que tem a Karen a ver com esta história?

O Vance baixa os olhos para a minha perna e depois desvia-os para o telemóvel dele, encaixado na divisória central do carro.

— Devias atender o telefone. A Kimberly também está a ligar-me.

Mas eu abano a cabeça. Telefono à Tessa assim que me vir fora deste carro.

— Lamento muito tudo isto. Não sei o que raio me passou pela cabeça para ter ido a casa da Trish ontem à noite. Ela telefonou-me e eu... Não sei. A Kimberly está prestes a casar comigo. Amo-a mais do que tudo; mais, até, do que amei a tua mãe. É um amor diferente; é retribuído, a Kimberly é tudo para mim. Cometi um erro gigantesco quando decidi ver novamente a tua mãe e vou passar o resto da vida a pagar por isso. Não ficaria surpreendido se a Kim resolvesse deixar-me.

Oh, poupa-me o número do pobre coitado que meteu os pés pelas mãos.

— Iá, «Capitão Óbvio». Se calhar *não* devias ter fodido a minha mãe na bancada da cozinha.

Lança-me um olhar furibundo.

— A voz da tua mãe ao telefone era de pânico, disse-me que antes do casamento queria ter a certeza de que o passado estava mesmo no passado; e eu sou a imagem cuspida e escarrada das péssimas decisões.

— Tamborila os dedos no volante, com a vergonha transparecendo inequivocamente na sua voz.

— Também eu — murmuro para mim mesmo, e estendo a mão para o puxador da porta.

O Vance pega-me no braço.



— Hardin.

— *Não.*

Solto o braço e saio do carro. Preciso de tempo para processar esta merda toda. Acabo de ser bombardeado com demasiadas respostas a perguntas que nunca soube que era possível formular. Preciso de respirar, preciso de me afastar dele e de estar com a minha miúda, a minha salvação.

— Preciso de sair daqui. Ambos sabemos disso — digo-lhe quando ele não engata a mudança para reiniciar a marcha. Ele dirige-me um olhar breve, e depois acena que sim, deixando-me na rua.

Observo a rua em redor e reparo numa montra familiar; percebo que estou a poucos quarteirões de distância da casa da minha mãe. Sinto o sangue a latejar atrás das orelhas quando enfio a mão no bolso para ligar à Tess. Preciso de ouvir a voz dela, preciso de que ela me traga de volta à realidade.

Contemplando o edifício, esperando que ela atenda, os meus demónios travam uma batalha dentro de mim, puxando-me para o confortável abismo negro. A atração torna-se mais forte e mais funda a cada toque que soa sem que a Tessa atenda, e, pouco depois, dou pelos meus pés arrastando-me rua abaixo.

Voltando a enfiar o telemóvel no bolso, abro a porta, e entro no cenário familiar do meu passado.